

AÇÕES DE DOCÊNCIA NA PANDEMIA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES COM AS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

RESUMO

Este relato teve como objetivo apresentar uma pesquisa-ação sobre a utilização do ensino remoto por meio da plataforma *Google Classroom* para turmas do 1º ano do Ensino Médio, de uma escola estadual localizada em São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro. A pesquisa identificou que professores e alunos não possuíam acesso às tecnologias ou experiência com essa modalidade de ensino. A pandemia exigiu adaptações educativas rápidas, concluindo-se que a prática de ensino vigente não se constitui em modalidade de educação a distância e os alunos vulneráveis são os que mais sofrem para acompanhar o processo mediado pelas novas tecnologias digitais.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Pandemia. Novas Tecnologias Digitais.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa-ação foi realizada na escola estadual no período de maio a junho de 2020. Em decorrência da pandemia da COVID-19, que resultou na determinação do fechamento de creches, escolas e universidades, a fim de proteger a sociedade de uma maior disseminação da doença. A partir de então, as aulas presenciais foram suspensas pelos órgãos competentes, que em virtude da impossibilidade de retorno próximo, passaram a buscar alternativas (plataformas de ensino a distância) numa tentativa de manter o ensino-aprendizagem durante a quarentena.

Em prol do isolamento social, o acompanhamento das aulas de maneira remota revelou desafios implícitos na contingência da práxis docente tornando ainda mais claras as desigualdades sociais do país, evidenciadas pelas dificuldades enfrentadas pelos estudantes e professores de escolas públicas, sujeitos desta observação. De um lado, estamos nós, professores, constituindo uma parcela significativa de profissionais despreparados para o exercício de ministrar aulas on-line, vivendo um esgotamento emocional oriundo de uma sobrecarga de trabalho inesperado e a falta de recursos para engajamento em tal estratégia adotada. Do outro, estão os alunos que vivem em famílias de baixa renda, com acesso limitado à internet, sem merenda, falta de espaço em casa, problemas emocionais e a baixa escolaridade dos familiares.

2 DESENVOLVIMENTO

“O mundo parou”. Esta é uma frase utilizada em um artigo de Pontual (2020) tornando-se a expressão que mais temos ouvido ultimamente. Mesmo sendo difícil, tivemos que buscar alternativas para este novo tempo e ainda que não buscássemos, a sociedade nos impôs ações para continuar a prática docente. De uma hora para outra, nos vimos diante de uma realidade completamente diferente. Acostumados a ouvir sobre fatos históricos, agora estávamos vivenciando um, em tempo real e em rede mundial.

A escola do século XXI, por consequência, encontrou-se diante de um verdadeiro dilema apontado por Perrenoud (1999): afinal o aluno vai à escola para adquirir conhecimentos ou para desenvolver competências? Tal questionamento, na verdade, esconde um mal-entendido, que está em acreditar que o desenvolvimento de competências consiste na desistência de transmitir conhecimentos. Para o sociólogo, quanto mais as ações tornam-se complexas, abstratas, mediatizadas por tecnologias,

apoiadas em modelos sistêmicos da realidade, mas elas exigem que os conhecimentos sejam aprofundados, avançados, organizados e confiáveis. Para dar prosseguimento às atividades escolares, foram estabelecidas em várias redes de ensino públicas e particulares, o que naquele momento se apresentou como possibilidade: a utilização de plataformas e aulas virtuais (PIMENTEL, 2020). Na referida escola estadual, em um primeiro momento vimos no ambiente virtual uma possibilidade de aproximação com os alunos da escola pública, ainda que de forma muito precária, em decorrência da falta de equipamentos tecnológicos, planejamento prévio e acesso à internet de forma igualitária.

Como é comum, houve certo desgaste entre os professores, sobre a utilização ou não da plataforma digital para o ensino. O que é compreensível dada à ineficiência de atender todos os alunos. Apesar disso, boa parte dos professores optou por manter as aulas remotas por julgar ser a única opção viável. Em um primeiro momento, não era uma obrigatoriedade. Situação que foi modificada posteriormente. A obviedade de que em plena era das novas tecnologias é preciso reinventar os meios de ensino, em função de uma pedagogia das situações-problema e das competências (PERRENOUD, 1999) não pode ser encaixada em todas as realidades de ensino (PIMENTEL, 2020).

O fato é que esta experiência com o *Google Classroom* se constituiu em um processo desgastante. Apesar de postarmos as atividades com a frequência solicitada, observamos que alguns alunos se esforçavam para acessar a plataforma, dar conta das atividades, sobreviver ao meio da pandemia, para no fim, identificar que aquele tipo de aula não estava fazendo sentido para eles. Diversas vezes, os estudantes indicaram que não estavam conseguindo acompanhar sozinhos as postagens das atividades, vídeos e a indicação de *links*. Se mal houve o devido acompanhamento das postagens, imaginemos, então, outros procedimentos necessários e importantes. Não ocorreu, por exemplo, o estudo colaborativo e a troca de experiências: duas das riquezas da educação presencial. Dos 180 alunos de várias turmas que fizeram parte dessa observação, constatou-se pela entrega das atividades que 40% participaram das aulas, pois a maioria apresentou dificuldade em obter acesso à internet, em ter computador disponível no horário combinado e na organização do tempo.

Optamos por considerar como aluno presente aquele que entrasse na plataforma, em qualquer momento, independentemente do dia e do horário da aula e de ser o dia do professor A ou B. Assim, elaboramos a lista de chamada e, mesmo que o aluno respondesse posteriormente, foi considerado como frequente. Essa foi uma estratégia adotada pela maioria dos professores da escola para estimular o acesso à plataforma, em decorrência de número insuficiente de equipamentos para utilização dos alunos em suas residências. Dos 180 alunos, uma parte mínima (20%) postou as tarefas sugeridas na plataforma. Quando a atividade foi organizada em grupo, o cenário foi melhor. Os alunos trocavam mensagens pelo *WhatsApp* e conseguiam fazer a tarefa. Aquele que tivesse o melhor acesso à rede de internet, postava a atividade na plataforma.

Sabemos que aprender a usar os equipamentos tecnológicos na educação como um fim acadêmico, possibilita que os alunos comecem a entender não somente a relação entre as disciplinas, bem como entre a escola e a vida fora da sala de aula. Por isso, a ideia de incluí-los na escola vai ao encontro de uma educação "(...) que possibilite a autoria, a criatividade e o desenvolvimento de competências que se aproximem do cotidiano do aluno contemporâneo (...)" (PASQUAL JÚNIOR, 2018, p. 14). No entanto, o acesso precisaria ser igualitário e para todos.

3 CONCLUSÃO

A pandemia da COVID-19 retirou todos da chamada zona de conforto. Como docente, não foi raro encontrar colegas de profissão aflitos, estressados e desesperados pela falta de habilidade, treinamento e conhecimento para a prática do ensino remoto. Por meio da pesquisa-ação apoiada na observação encontramos alguns problemas no processo de educação remota para as turmas do Ensino Médio através do *Google Classroom*: (1) O ensino remoto não proporcionou que todos os alunos compartilhassem opiniões e ideias, deixando de promover a aprendizagem colaborativa; (2) apesar de a ferramenta utilizada facilitar a comunicação entre professor-aluno, não garantiu a autonomia dos adolescentes para o desenvolvimento das atividades pedagógicas propostas; (3) a falta de ambiente favorável à aprendizagem e de um espaço apropriado dificulta a concentração dos alunos; (4) medo, ansiedade, apreensão; perdas econômicas, de familiares e amigos, segundo relato dos alunos, interferiram também na motivação para as aulas; (5) falta de equipamentos e acesso à internet, necessários a participação das aulas; e (6) constatou-se durante a interação dos participantes a inabilidade de professores e alunos para o uso das tecnologias na educação, ainda que utilizassem frequentemente as mídias sociais. Percebemos que a mudança causada pelo isolamento social exigiu adaptação escolar rápida, o que tornou a garantia do acesso educativo para todos (democrático e igualitário) em um processo constituído por falhas grosseiras na mediação. Para Harari (2018), devemos cuidar para que o século XXI não crie a sociedade com mais desigualdade de todos os tempos, embora a internet e a globalização aproximem e criem pontes, elas abrem brechas entre as classes sociais, mesmo que haja esforços para a unificação global. Este relato se revelou importante para propor reflexões sobre a ação docente e as falhas do processo de ensino com a proposta de acompanhamento das aulas via internet em escolas públicas. Destaca-se que o ensino remoto praticado durante a pandemia da COVID-19 esteve longe de se constituir uma modalidade de educação a distância, pois seguiram os mesmos princípios da educação presencial.

A estratégia de ensino adotada nesse período evidenciou e intensificou as desigualdades e as dificuldades aos alunos do Estado. Colocando-se em dúvida, inclusive, se esse tipo de processo educativo foi eficiente em um país onde a maior parcela da população não possui computador, ambiente tranquilo e apropriado, muito menos sinal de *Wi-Fi* para estudar. Torna-se necessário (re)pensar o processo educativo não só em tempos de pandemia, mas também após esse período.

REFERÊNCIAS

- HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- PASQUAL JÚNIOR, P. A. **Pensamento computacional e formação de professores: uma análise a partir da plataforma Code. Org.** 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. São Paulo: Artmed, 1999.
- PIMENTEL, M. Princípios da Educação Online: para sua aula não ficar massiva nem maçante! **SBC Horizontes**, 2020. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/23/principios-educacao-online/>. Acesso em 26 mai. 2020.
- PONTUAL, P. O ano em que o mundo parou. **Revista Época**, 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/artigo-o-ano-em-que-mundo-parou-24420884>. Acesso em 26 mai. 2020.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.